

Hospital ressuscita paciente

MARCELO ABREU

DA EQUIPE DO CORREIO

Dezoito dias de internação. Dezoito dias de sofrimento e incerteza para uma família inteira. Dezoito dias de choro, angústia, revolta e muita indignação. E a morte. No dia 24 de setembro, a dona-de-casa Maria Martins de Sousa, cearense de 67 anos, casada, mãe de seis filhos e avó de 11 netos, morreu no Hospital Regional do Gama (HRG). Para ser enterrada no cemitério do Gama, os parentes precisaram pedir dinheiro emprestado. E todos choraram a morte de Maria, que estava em Brasília para passar uns meses com os filhos e netos. Todo ano ela deixava a pequena Monsenhor Tabosa, no interior do Ceará, para se juntar à família. Era o momento de maior alegria de Maria.

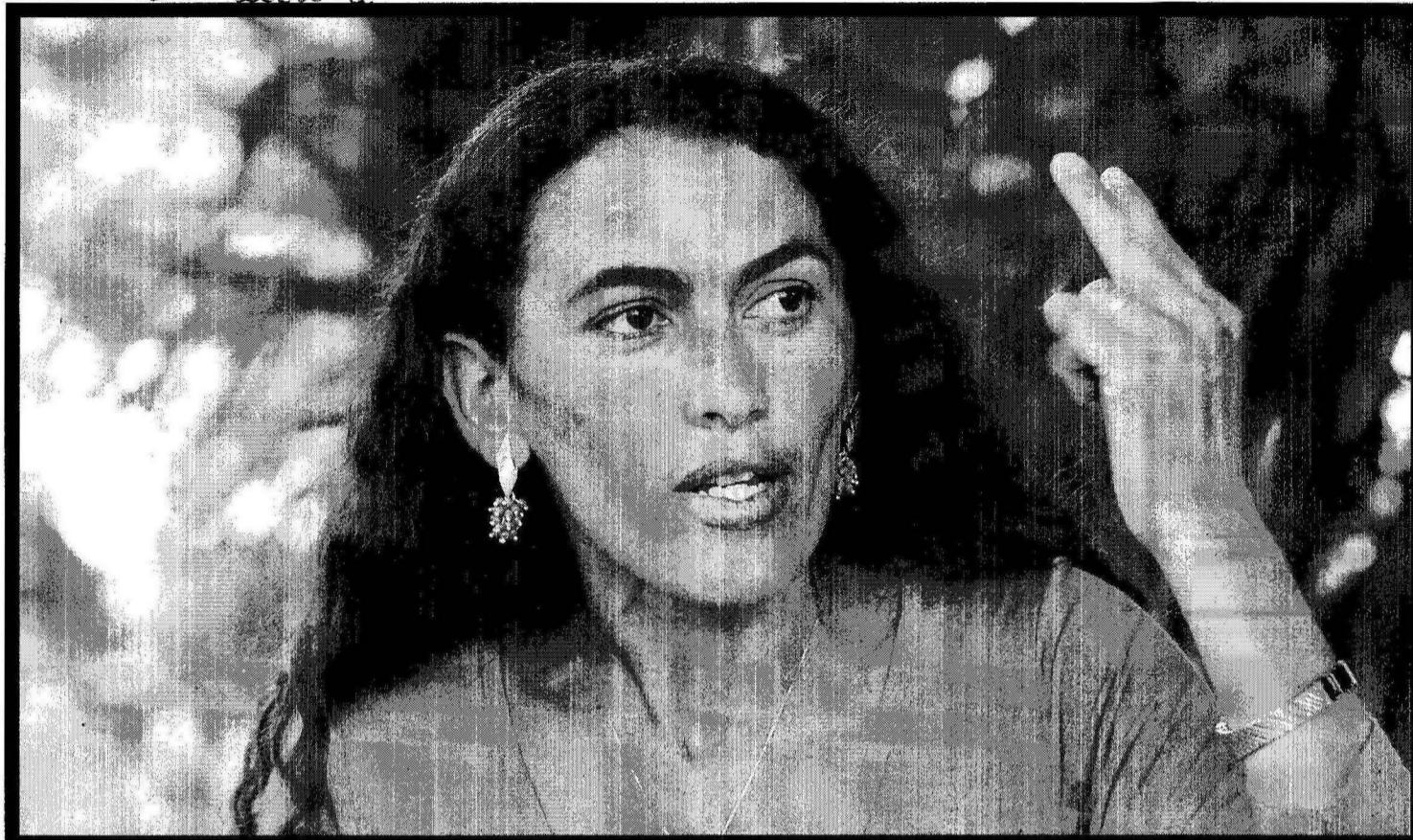
Dia 3 de outubro. Ainda abatida com a morte da mãe, a doméstica Irandira Martins de Sousa, de 36 anos, casada, dois filhos, 6ª série completa, chega em casa, em Valparaíso (GO). Ao entrar, uma carta registrada a espera. Vinha do hospital, mais precisamente da Diretoria de Atenção à Saúde (DAS). E um texto, datado do dia 27 de setembro, assinado pelo diretor do hospital, cirurgião Sérgio Hitoshi Miyazaki: "A Diretoria de Atenção à Saúde do HRG informa que todas as ocorrências são investigadas e apuradas com o objetivo de melhorarmos o nosso atendimento. A sua reclamação foi enviada para a chefia imediata do médico em questão, para que situações como essa sejam evitadas de acontecer". E segue: "Informamos que a paciente (Maria Martins de Sousa) está bem e sendo acompanhada pela Dra Adriene Di Cardoso Faria. Esclarecemos, também, que a DAS/HRG vem orientando constantemente seus servidores sobre a importância da relação médico-paciente para o êxito do tratamento..."

Irandira não acreditou no que estava lendo. Parecia uma carta do além. A mãe dela tinha sido enterrada havia seis dias e agora ela recebe uma carta dizendo que a paciente estava bem. "A carta estava datada do dia 27 de setembro, foi colocada nos correios no dia 29 e nós a recebemos no dia 3 de outubro. Eu não sabia o que fazer naquela hora. Fiquei mais revoltada ainda com o desrespeito. Eles não têm respeito por ninguém", desabafa Irandira.

Para entender toda essa história, é preciso voltar a 7 de setembro. Naquele dia, queixando-se de tontura, diarréia e muita fraqueza, Maria foi levada ao HRG. Diabética, estava com hipoglicemias (baixa taxa de açúcar no sangue). "A taxa de glicose dela

Cadu Gomes/CB

DF-Daniel



IRANDIRA AFIRMA QUE PESSOAS NÃO ACREDITAM QUANDO ELA CONTA O EPISÓDIO E PENSAM QUE É PIADA OU BRINCADEIRA DE MAU GOSTO

Reprodução/Cadu Gomes/CB



MARIA, QUANDO ERA VIVA, E A CARTA QUE A FAMÍLIA RECEBEU DA DIRETORIA DE ATENÇÃO À SAÚDE DO HRG

estava em 36", lembra a filha. Ao chegar à emergência do hospital, Maria foi atendida. E a internação, devido ao seu estado grave, foi inevitável.

A piora

Sempre acompanhada pela família, Maria oscilou momentos de breve melhora com piora assustadora. "Quando ela chegou e foi medicada, ficou até animada. Nos primeiros dias, ia ao banheiro sozinha. Enquanto tinha médico ela esteve bem", conta Irandira. E continua: "Depois, os médicos sumiram. À noite, a gente

procurava por eles e nem as enfermeiras sabiam responder. Uma vez, minha mãe pediu leite, estava com fome, e uma auxiliar disse que nada podia fazer. Até as roupas de cama fomos nós quem levamos de casa. Minha mãe piorava a cada dia. Definhava e morria à mingua".

Cansada de ver a mãe sofrer, Irandira resolveu procurar a administração do hospital. Chegou à ouvidoria. A doméstica procurou o diretor do HRG. Disseram-lhe que escrevesse uma carta com a reclamação. No dia 12 de setembro, Irandira registrou sua

queixa por escrito. Deixou endereço e telefone para contato. Aguardou com ansiedade pela resposta. Enquanto a mãe lá esteve, a resposta nunca chegou.

A mãe piorava. "Eu chorava muito quando via minha mãe naquele estado. Todo mundo do hospital via meu desespero. Até as outras pacientes tentavam me acalmar. E a única coisa que davam para ela era soro. Nunca mais vi médico nem remédio", diz Irandira. Um dia, Maria lhe falou: "Minha filha, não me deixe morrer aqui, pelo amor de Deus". Irandira nada pôde fazer.

66

EU NÃO SABIA O
QUE FAZER
NAQUELA HORA.
FIQUEI MAIS
REVOLTADA
AINDA COM O
DESCASO. ELES
NÃO TÊM
RESPEITO POR
NINGUÉM

99

Irandira Martins de Sousa,
36, doméstica

E lamentou a impotência: "Eu só chorei mais ainda..."

No sábado, 24 de setembro, 18 dias depois de ter chegado ao HRG, Maria morreu. Ao chegar pela manhã, para ficar com a mãe, no lugar de uma tia, Irandira ouviu: "Sua mãe morreu". E se lembra de um fato particularmente importante nesse manhã: "Uma paciente que estava internada ao lado da minha mãe e que acompanhou nosso drama, me disse: 'Mataram sua mãe pela omissão, por falta de atendimento'. Eu fiquei transtornada".

A revolta

Das 8h50 ao meio-dia, ainda segundo Irandira, a família esperou por um médico que assinasse o atestado de óbito. E lá consta: "Choque cardiológico, infarto agudo do miocárdio, diabete mellitus tipo II...". Atônita, a família inteira se desesperou. "Eu só queria entender como uma pessoa entra com diarréia num hospital e nunca mais consegue sair. Ou melhor, sai morta", questiona a filha. E repete, revoltada: "Minha mãe morreu por falta de atenção médica, pela negligência e pelo desrespeito".

Irandira vai mais além: "Vou até o fim com minha denúncia. Vou ao Ministério Público, aonde precisar. Sei que nada vai trazer minha mãe de volta, mas eles têm que aprender a respeitar o ser humano. Quem sabe, assim outras famílias não sofram a dor que eu e minha sofremos agora". Desolada, completa: "Essa é a realidade dos hospitais públicos do DF. Essa é a realidade do nosso país".

No fim da manhã de ontem,

depois de saber, pelo Correio, das denúncias da morte da paciente no HRG e da carta que chegou à casa da família seis dias depois da morte dela, dando notícias de que tudo estava bem, o secretário de Saúde José Geraldo Maciel imediatamente mandou abrir sindicância interna "para apuração dos fatos". O documento está publicado hoje no Diário Oficial do Distrito Federal. A sindicância terá 30 dias para apresentar um parecer.

Por telefone, o diretor do HRG, cirurgião Sérgio Miyazaki, de 50 anos, disse lamentar o episódio: "Assim que recebi a queixa da família, perguntei ao chefe da unidade da clínica médica (médico Washington Luiz Dourado) sobre o estado da paciente. No dia 22 de setembro, data em que assinei o documento, ela estava bem, de acordo com as informações obtidas. A carta chegou à casa dela depois de sua morte por causa da burocracia". E admite o erro: "Devia ter verificado, ter ido ver, mas são 514 pacientes e deixo funções. Não tenho como fazer isso pessoalmente".

Ainda chorando a perda da mãe, Irandira só quer entender toda essa história. "Quando eu mostro a carta do hospital para as pessoas, de tão absurda, elas acham que é uma piada ou brincadeira de mau gosto. Mas é pura verdade: minha mãe enterrada e uma carta do diretor dizendo que ela estava 'bem e acompanhada por uma médica'. Se não fosse tão triste, seria mesmo uma piada..." Ou cômico, se não fosse trágico.